

A tribo chega à "civilização"

O tukano Álvaro Fernandes Sampaio analisa os efeitos da Perimetral Norte e do trabalho dos padres salesianos na destribalização de seu povo, em depoimento a Carlos Alberto Luppi

"Até o ano de 68, São Gabriel conheceu a paz nas ruas e nos lares. Havia menos do que mil pessoas. Em 74, com a chegada da Perimetral Norte vieram muitas empresas construtoras, a EIT, Queiroz Galvão, Camargo Correia, LASA, e um corpo de engenharia militar, o 1.º Bec. A estrada e o comércio introduziram a violência para muitos indígenas, moços e moças. Rapazes que brigavam em bandos e menina que andava sossegada depois das 19 horas na rua era amedrontada porque a quantidade de homens era tão grande que eles forçavam as índias para o sexo.

"As mulheres índias estranharam a quantidade de homens — 5 mil — onde antes só havia 500 habitantes. As moças violentadas foram usadas como objeto sexual por até mesmo 20 ou 30 homens. Vale dizer que essa maneira de usar a mulher para esse tipo de sexo partiu dos recrutas do 1.º Bec e era chamado "geral". Para que isso ocorresse, o recruta que parecia ser agradável e bonito para as índias, muitas vezes era traiçoeiro porque após a festa do clube sempre levava a mulher para a rua onde a esperava um bando de famintos sexuais. As jovens índias eram agarradas como se fossem bichos selvagens e carregadas para o escuro para tal "geral". Assim, durante a noite, era arriscado andar em companhia de uma mulher porque os recrutas agrediam o homem para tomar a mulher a uma "geral". Muita gente de São Gabriel é testemunha disso, a prova são algumas meninas que sofreram esse atentado selvagem da civilização branca.

"Enquanto essa vida ocorre, espalha-se a doença venérea de tipo variado na cidade. As índias são as mais atingidas e passam a contaminar também muitos homens, peões e recrutas. A doença mata também muitas índias. Os forrós nos clubes são festas perigosas, onde muitas vezes a briga é constante, surgem ferimentos, facadas, garrafadas, e vendo isso o indígena se torna agressivo. Muitas vezes as festas são bacanais, geralmente com as índias. Várias delas pegam o vício de fumar, beber e se maquilam sem jeito para entrar no jogo da atualidade. São bem queridas nas portas dos clubes, o ingresso é grátis, já os índios eram tratados aos empurrões com palavras ofensivas e discriminações.

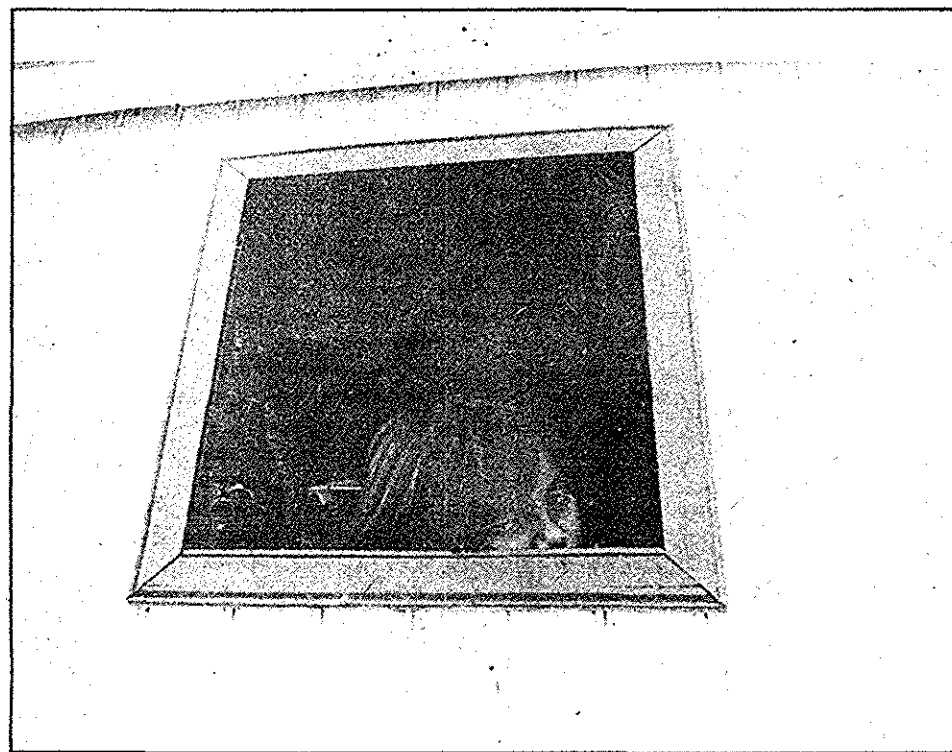
"Mais de uma centena de índias alunas salesianas chegam a São Gabriel atrás do "progresso", das festas, conhecer novidades ou serem "civilizadas". Com os efeitos da civilização, as índias são emprenhadas, violentadas com brigas, embriagadas nos bares, brigando nas ruas. Alunas desistem de seus estudos porque estão prenhas, viciadas pelas coisas que não lhes trazem futuro. É triste eu dizer estas coisas depois que só foram feitas

Nos últimos dois anos, após 66 anos de atividades na área, as missões salesianas que atuam no Alto Rio Negro, no Estado do Amazonas, começaram a ser contestadas. A crítica principal refere-se à destribalização e total perda de identidade de milhares de índios — quase 20 mil — das nações Tukana, Tariana, Arapaço, Piratapuaia, Mirititapuaia, Tuiuka, Baraçana, Karapanã, Wanana, Yepa-Maxsã, Siã, Maku, Baniwa e Kuripako. O assunto foi até mesmo levado à análise do Tribunal Bertrand Russel em sua reunião do ano passado e a condenação das missões foi total.

Na prática, os salesianos do Rio Negro chefiados pelo bispo Miguel Alagna, tentaram se defender das acusações. Mas não chegaram nunca a contestar o autêntico massacre cultural contra os índios da região, muitos dos quais fogem para a Venezuela, Colômbia ou então se refugiam na miséria da periferia de Manaus envergonhados de serem reconhecidos como índios. O Alto Rio Negro está hoje transformado numa espécie de "feudo salesiano" e os milhares de índios que existem nesta que é considerada a "maior área indígena do País" vão aos poucos se esquecendo de sua cultura, sua tradição, seus costumes, sua identidade e até mesmo sua língua. Para o bispo dom Miguel Alagna, italiano, isso se chama "integração do índio à comunidade nacional". Para o escritor Márcio de Souza "isto é um etnocídio". Mas o que pensa o índio a respeito disso tudo? O que ele pensa a respeito desse tipo de "integração"?

O índio da nação Tukana, Alvaro Fernandes Sampaio, vestibulando de Medicina, não apenas conviveu com toda esta problemática como também se propôs a analisar o que vem acontecendo aos milhares de índios do Alto Rio Negro moradores de uma área de 280 quilômetros quadrados centralizada no antigo povoado de Uaupés, hoje cidade de São Gabriel da Cachoeira, cortada pela Perimetral Norte, talvez o maior exemplo de destruição progressiva de uma cultura.

— Aqui, o mundo não parece ter sol ou parece que a população indígena está dormindo e sonhando, passando pesadelo. Hoje, a cidade de São Gabriel é marcada pela história da invasão, as testemunhas são as mulheres indígenas abandonadas com seus filhos. São as lembranças do "progresso". Com os efeitos da civilização, as índias são emprenhadas, violentadas com brigas, embriagadas nos bares e nas ruas. Os padres são contra a restauração da unidade indígena e impedem a autodeterminação. Todo o tradicional espírito indígena foi mudado, trocado e a herança tribal está se perdendo" — afirma ele ao mesmo tempo em que alerta a sociedade branca: "Né dexkawatikãña êxsârê, êxsâpe tuxfuatiri. Mëemerã thoaxrãti". O que em língua tukana quer dizer: "Nunca nos divida em grupos pequenos para que não percamos a força. Queremos ficar a seu lado." Carlos Alberto Luppi.



propagandas de coisas agradáveis no Rio Negro.

"E ainda continuam os recrutas do 1.º Bec abalando a cidade, violando as índias para uso sexual de até 20 ou 30 homens. Ato sexual que nenhuma filha de sargento, tenente ou coronel, dos comerciantes e de muitos brancos sofre, a não ser a índia. Nenhum dos índios deu "geral" nas filhas dos brancos. Infelizmente, só há ódio devido a muito abuso e racismo. A estrada trouxe também malária, muitos abortos criminosos, curetagem com morte, anticoncepcionais de branco, a vergonha para as índias não voltarem para suas aldeias, prisões para homens, injustiças e discriminações.

"As filhas indígenas do Alto Rio Negro são emprenhadas e atraídas pelo estudo de 2.º grau e só algumas conseguem amigar ou casar. Prostituição e fome continuam, como também as doenças. Muitos índios não podem ser internados porque não têm documento exigido pelo hospital de São Gabriel e a Funai não dá conta. Eu pergunto: como é que podemos transformar o índio num brasileiro convicto se há muita criminalidade moral contra o índio?

"Durante 66 anos, embora tenhamos sofrido certas pressões de alguns padres e freiras para acabar com nossa cultura, estamos resistindo. Não só os padres e freiras que querem acabar com nossa cultura, também os discípulos jovens que têm o 2.º grau e Faculdade pois são estimulados pelos padres que querem a integração indígena junto à comunidade nacional. Muita coisa perdemos de cerimônias, as principais porque foram consideradas satânicas e eram elas que uniam os índios ao contrário da religião católica. Isso é fácil de explicar: as cerimônias, as festas, os assopros bons e curas eram tais e de tamanha força que uniam toda a família índia na maloca. Mas nos primeiros tempos esses ritos foram proibidos e foi um tempo que as malocas foram chamadas de Casas do Diabo. Mesmo assim, as nossas coisas são armas para o comércio deles. No Museu de Índio o Miri — nossa flauta sagrada — é exposta para o público em Manaus.

"A educação que se tem nos internatos salesianos é para ler e escrever o português. Enfim, a religião e obediência aos superiores. Só assim somos gente, brasileiros convictos pelos que querem nossa integração e com isso a educação tribal decai. Tínhamos certas formas de leis para educar os jovens, mas a educação dos brancos trocou o espírito indígena. A palavra civilização leva muitos indígenas a se envergonharem de seu povo, e é por isso que muitos procuram as cidades e lá se empregam em qualquer ofício, têm salários insuficientes para sustentar suas famílias.

"Tal palavra — a civilização — es-

*“Né dexkawatikãña
ëxsârë, ëxsšpë
tuxtuatiri.”*

panta os indígenas de suas terras e fazem-nos perder seus costumes, sua língua, sua identidade. Todos são ex-alunos salesianos. Em casa só ficam os velhos pais chorando de saudade ou quando adoentados a situação é pior porque eles não têm assistência dos filhos. A maioria dos ex-alunos vai para a Colômbia ou Venezuela, outros para Manaus ou param nos regatões dos comerciantes para trabalhar nos seringais, nos piaçabais e, recentemente, nos cipozais. Ficam marginalizados, são ludibriados e perdem o futuro do povo.

“Algumas meninas índias vão para Manaus trabalhar no colégio das freiras, isto é, no Colégio Auxiliar e Patronato Santa Terezinha ou no Noviciado São José. Nessas casas o trabalho é duro, isto é, não há domingo nem feriado, além de ultrapassar as oito horas e o salário ser mínimo. Assim acontece com meu pessoal. Outras dezenas de índias que foram empregadas nesses colégios hoje encontram-se nas casas dos oficiais da FAB também com baixo salário. Muitas das índias que são empregadas domésticas, não são bem tratadas, e muitas vezes humilhadas. E por isso muitas não ficam no emprego e passam a procurar outra patroa.

“Geralmente, estas empregadas foram indicadas pelas freiras salesianas do Alto Rio Negro. Nas cidades, elas não querem voltar para casa junto de suas famílias. Enfim, esse tipo de tratamento desnute a vida autóctone, incapacita a convivência nas aldeias. Elas são destribalizadas e não

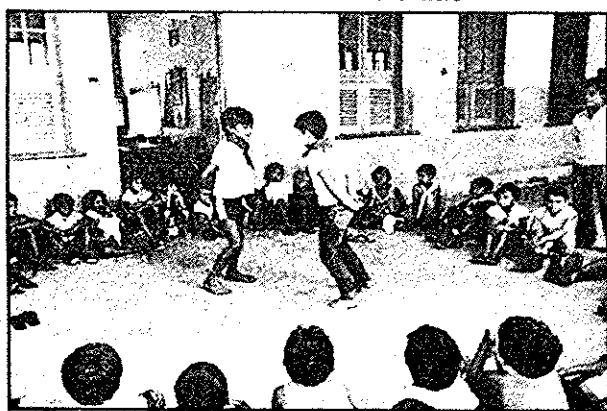


*“Nunca nos divida em
grupos pequenos para
que não percamos a força.”*

têm um meio para formar um futuro melhor e seguro. Isto é, não estudam e só ficam cuidando dos filhos dos tenentes, capitães e brigadeiros. E ao filho indígena, nada. Vê-se que o futuro do indígena desse jeito é curto porque, para nós, a mulher é sempre a base da vida e foi o nosso princípio.

“Muitas de nossas índias acabam nos clubes dançantes de Manaus. Algumas delas estão bastante evoluídas à vida branca, outras ultrapassam o limite nas bebidas e ficam mostrando o papel negativo para o povo e missionário. É isso que chamo de etnocídio. O dom Miguel não sabe daquele crime que ocorreu no Noviciado São José, criança parida no sanitário e cuja boca fora rasgada. Mas as freiras sabem disso e de outras coisas de outras moças indígenas que são inseguras nos empregos e de muitas que são demitidas dos empregos nas fábricas de Manaus ou daquelas que chegam à Capital.

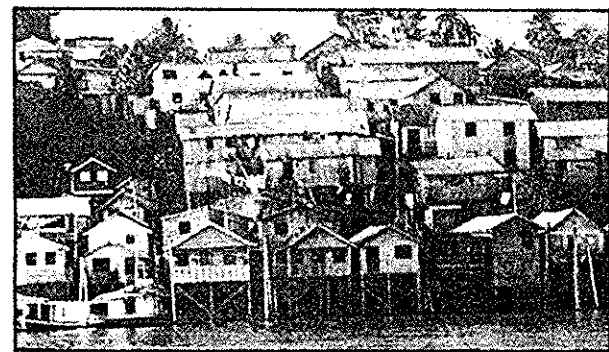
“Repito, se continuar assim essa vida, os tukanos, deçanos, tarianos, piratapuias, baniwas vão se acabar aos poucos. Assim não é possível, não dá mesmo. Creio que o índio sempre está perdendo o campo de vida, perde energia indígena através da destribalização. Enfim, o resultado é o etnocídio. Como resolveremos nosso problema social? Com quem? O indígena deve ser integrado, mas não desse jeito. E integração não pode fazer o indígena perder sua identidade, sua cultura, deixar de gostar de ser índio. Ele deve orgulhar-se de sua língua, de seus costumes, de sua vida.”



“Civlizando” no colégio salesiano de Barcelos, AM.



Fora da tribo, resta o trabalho braçal.



Da selva para a maloca urbana.



O importante é deixar de ser índio.